

[🏠 / Sociedade / Notícias / “A ciência em Portugal pode ser mais diversa” /](#)

Share (0)

Tweet (0)

LinkedIn (0)

Entrevista com Ricardo Rocha

# “A ciência em Portugal pode ser mais diversa”

Grande vencedor do Prémio de Doutoramento em Ecologia - Fundação Amadeu Dias

24-11-2017



Ricardo Rocha com um morcego *Phyllostomus hastatus*

Fonte Oriol Massana

Uma das melhores decisões de [Ricardo Rocha](#) foi estudar Biologia em Ciências. Aqui fez amigos e aprendeu. Na entrevista que se segue fica a conhecer o antigo aluno de Ciências, membro do cE3c e investigador pós-doutorado da Universidade de Cambridge, galardoado com o 1.º lugar do Prémio de Doutoramento em Ecologia - Fundação Amadeu Dias, lançado este ano pela primeira vez pela Sociedade Portuguesa de Ecologia.

## – Entrou em Biologia em 2004. Foi a primeira opção, porquê?

[Ricardo Rocha \(RR\)](#) - Na verdade entrei em Biologia em 2003 mas na Universidade da Madeira. Sou natural da ilha e na altura pareceu-me uma boa ideia fazer a licenciatura no arquipélago, uma vez que era lá que queria trabalhar. No entanto, não demorei muito a aperceber-me que para atingir os meus objetivos tinha de expandir os meus horizontes e foi aí que decidi pedir transferência para a FCUL. Foi sem dúvida uma das melhores decisões que já tomei!

## – Como foi estudar na FCUL?

RR - Foi muito enriquecedor. Fiz grandes amigos e aprendi imenso. Acho que teria sido difícil ter escolhido um melhor lugar para estudar [E](#) / [Sociedade](#) / [Notícias](#) / "A ciência em Portugal pode ser mais diversa" /

## – Que aulas é que recorda com especial entusiasmo?

RR - As que envolveram trabalho de campo! Recordo-me com particular carinho das saídas de campo ao Parque Natural de Doñana quando estava no 1.º ano e ao Parque Natural de Monfragüe quando estava no 3.º. Outra saída de campo muito marcante foi à Reserva Natural das Berlengas, com a cadeira de Ecologia Terrestre – foram sete dias de trabalho de campo na ilha, adorei!

## – E professores e colegas... Quer fazer referência a alguém que tenha sido especialmente importante no seu percurso académico?

RR - Foram muitas as pessoas que marcaram a minha passagem pela FCUL. O Professor Jorge Palmeirim (que acabou por ser um dos meus orientadores de doutoramento) foi sem dúvida aquele que mais influenciou o meu percurso durante a licenciatura. Ouvir as suas histórias sobre trabalho de campo em lugares exóticos em muito reforçou a minha vontade de seguir conservação/ecologia tropical. Mais recentemente, o meu orientador principal de doutoramento, Christoph Meyer, foi de uma enorme importância e o mesmo se aplica ao meu colega de doutoramento: Adrià López-Baucells. Quase todo o meu trabalho de campo de doutoramento (mais de dois anos na Amazônia brasileira) foi realizado com o Adrià. Ambos partilhamos a mesma paixão pela natureza, pela ciência e pela história natural. O Adrià tem sido uma enorme inspiração e apoio. Espero que todos tenham a sorte de encontrar um tão bom colega e amigo. Eu estou seguro que não poderia ter encontrado melhor pessoa com quem partilhar o doutoramento!

Ricardo Rocha com Adrià López-Baucells e um morcego *Lasiurus egregius*  
Fonte Oriol Massana Valeriano

## – Qual o motivo para escolher o doutoramento em Biologia – especialização Biologia da Conservação?

RR - Quando tinha sete anos recebi um livro sobre lobos-marinhos (nome dado às focas monge na Madeira). O livro contava a história da quase extinção da espécie no arquipélago. Desde então queria trabalhar com animais, na prática não queria que desaparecessem. O doutoramento em Conservação sempre foi o objetivo, a dúvida era onde e com o quê, acabou por ser na FCUL e com morcegos amazónicos.

## – Quais foram os melhores momentos desse período?

RR - Os melhores momentos foram os trabalhos de campo. Os sons da Amazônia, a imensidão da floresta, a descoberta da rica biodiversidade. Foi um período mágico.

## – Como ultrapassou as dificuldades, caso tenham existido?

## – Como ultrapassar as dificuldades, caso tenham existido?

RR - Tal como muitos amigos meus, que fizeram doutoramento, tive uma fase menos boa quando estava a chegar ao último ano de doutoramento. Tive dificuldades em publicar as minhas publicações científicas que refletissem o meu trabalho. Muitas vezes ficava acordado até altas horas da noite – noites praticamente sem dormir, etc.. Felizmente tive a brilhante ideia de tirar uma semana para ajudar uma colega no campo, foi a melhor terapia. Além disso ter um colega de doutoramento como Adrià e orientadores bastante disponíveis em muito ajudou a ultrapassar as dificuldades.

## – Quanto ao prémio da SPECO que acaba de receber, ficou surpreendido. O que sentiu com tal distinção?

RR - Como não poderia deixar de ser senti-me super feliz e muito honrado. É sempre bom ver o trabalho reconhecido e fiquei particularmente contente pela possibilidade de poder partilhar esta distinção com os meus orientadores e colegas de projeto. Embora o doutoramento seja individual, o projeto no qual estava inserido foi um esforço conjunto e muitas pessoas contribuíram para o sucesso do mesmo.

Além disso acho que o prémio é importante por uma outra razão. Foram muito poucos os cientistas portugueses negros com quem me cruzei enquanto estudava. Ter conseguido este prémio é sem sombra de dúvidas uma mais-valia para o meu CV mas espero acima de tudo que mostre que a ciência em Portugal pode ser mais diversa. Em muito se fala na importância da diversidade de género e no quão importante é ter cientistas do sexo feminino que sirvam de inspiração a jovens investigadoras. No meu ver o mesmo se aplica às comunidades afro-europeias (onde eu me insiro) e aos outros grupos menos representados na nossa sociedade.

## – Atualmente, é investigador na Universidade de Cambridge e também colabora com o cE3c. Conte-nos o que está a fazer neste momento?

RR - Atualmente estou a fazer um pós-doutoramento no projeto "Conservation Evidence" que visa avaliar quais as intervenções que são mais benéficas para a conservação da biodiversidade. Trabalhamos com todos os grupos taxonómicos em todos os *habitats* – é um projeto enorme. Além disso eu e o Adrià estamos a trabalhar com morcegos em Madagáscar e no Quênia. Recentemente começamos a colaborar com outro nosso colega, Diogo Ferreira, com morcegos dos Camarões e Guiné Equatorial.

## – Por fim, para si o melhor da ciência é?...

RR - Abrir uma janela para o mundo natural.

Texto por

Ana Subtil Simões, Área de Comunicação e Imagem de Ciências

Email de Contacto

[info.ciencias@ciencias.ulisboa.pt](mailto:info.ciencias@ciencias.ulisboa.pt)